

Roberta Santana Cavalcante

A escolha da escola

- Um fator de sucesso ou fracasso escolar -

Obs: Roberta, a sua monografia está muito bem estruturada, com uma relação clara na + objetiva, com relação ao seu objeto de estudo "a escolha da escola", você trouxe num aspecto essencial a família + a criança dessa família. Raramente pensa-se na criança + depois escolhe-se a escola, na verdade as "pobres crianças" devem-se adaptar a uma escola, ou o que se precisa aceitar o desejo dos pais. Parabéns de um tema tão interessante + pela boa + fácil leitura de seu trabalho atribuo-lhe nota 10,0 (dez).
Dudu

Rio de Janeiro
2000

Roberta Santana Cavalcante

A escolha da escola
- Um fator de sucesso ou fracasso escolar –

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA MONOGRAFIA

Reitor: Pietro Novellino
Decano: Maria José Mesquita Cavalleiro de Macedo Wehling
Diretor: Dayse Martins Hora
Chefe de Departamento: Mônica Cerbella Freire Mandarino
Professora: Sueli Barbosa Thomaz

A ESCOLHA DA ESCOLA – UM FATOR DE SUCESSO OU FRACASSO
ESCOLAR

ROBERTA SANTANA CAVALCANTE

Monografia apresentada à Escola de
Educação da Universidade do Rio de
Janeiro para a obtenção do grau de
licenciatura em Pedagogia

Professora orientadora: SANDRA ALBERNAZ MEDEIROS

RIO DE JANEIRO
2000

CAVALCANTE, Roberta Santana. 2000. **A escolha da escola - Um fator de sucesso ou fracasso escolar.** 40 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2000.

C376 Cavalcante, Roberta Santana.

A escolha da escola – Um fator de sucesso ou fracasso escolar / Roberta Santana Cavalcante. – 2000 .
40 f. ; 30 cm.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2000 .

1. Fracasso escolar. I. Título.

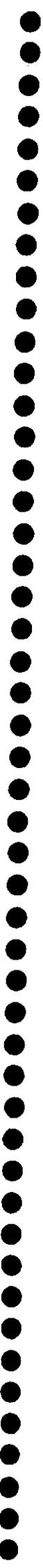
CDD 370
CDU 37

Este trabalho é dedicado a uma pessoa que em todos os momentos esteve ao meu lado, apoiando-me com um olhar, uma palavra ou até mesmo com um simples pensamento.

Uma pessoa que me fez crescer, mesmo com as dificuldades e decepções da vida, com o seu exemplo e a sua força.

Alguém que mesmo em tempos de tempestade manteve-se forte e iluminada, que me pegou pelas mãos e me mostrou o melhor caminho a ser seguido.

Dedico esta monografia à minha mãe e amiga
Solange Santana Cavalcante.



Agradeço a Deus que colocou pessoas tão maravilhosas em meu caminho: minha mãe, meus irmãos, meu noivo Fábio, Caio, minhas amigas e minha grande orientadora Sandra A. Medeiros, sem as quais não teria sido possível concluir meu trabalho.

BOCA DE FORNO

A gente brincava assim, quando era criança. O mestre cantava o refrão e os outros respondiam, repetindo a última palavra, como se fosse um eco. Sempre me perguntei sobre o sentido dessas palavras.

E, por mais que me esforçasse, nunca encontrei sentido algum. É puro non-sense, e imagino que esse brinquedo bem poderia figurar entre os absurdos por que Lewis Carrol fez a pobre Alice passar nas suas aventuras pelo País do espelho.

Mas todo absurdo é apenas o avesso de uma coisa que parece lógica e racional, como o lado de trás de uma tapeçaria, escondido contra a parede. O absurdo é o avesso do mundo. Aí fiquei a me perguntar: "Esse absurdo é o avesso de quê?"

Veio-me, então, uma iluminação repentina: não deve ter sido por acidente que o inventor dessa brincadeira, quem quer que tenha sido, deu o nome de mestre ao líder que canta o refrão, pedindo a resposta-eco-repetição das crianças. Ele deve ter sido um arguto observador das escolas, e por medo de que o seu filho viesse a ser punido por aquilo que ele, pai, estava dizendo, inventou esse brinquedo, como uma parábola. O que é, precisamente, o caso das loucas histórias de Lewis Carrol. Professor da Universidade de Oxford, via os absurdos que ali aconteciam. Mas se os dissesse em linguagem clara, certamente ganharia o ódio dos colegas e a ira das autoridades, e acabaria por perder o emprego. Por isso, ele os disse de forma matreira, dissimulada: brincadeira de criança... No mundo das crianças todos os absurdos são permitidos.

Acho que essa brincadeira é uma repetição do que acontece nas escolas. As crianças são ensinadas. Aprendem bem. Tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos das receitas ensinadas e aprendidas. Tornam-se incapazes de

dizer o diferente. Se existe uma forma certa de pensar as coisas e de fazer as coisas, por que se dar ao trabalho de se meter por caminhos não explorados? Basta repetir aquilo que a tradição sedimentou e que a escola ensinou. O saber sedimentado nos poupa dos riscos da aventura de pensar.

Não, não sou contrário a que se ensinem receitas já testadas. Se existe um jeito fácil e rápido de amarrar os cordões dos sapatos, não vejo razão alguma para submeter o aluno às dores de inventar um jeito diferente. Se existe um jeito já testado e gostado de fazer moqueca, não vejo razões por que cada cozinheiro se sinta na obrigação de estar sempre inventando receitas novas. O saber já testado tem uma função econômica: a de poupar trabalho, a de evitar erros, a de tornar desnecessário o pensamento. Assim, aprende-se para não precisar pensar. Sabendo-se a receita, basta aplicá-la quando sugere a ocasião.

Senti isso muitas vezes, tentando pensar com minha filha problemas de matemática. É preciso confessar que isso já faz tanto tempo, pois o que me restou de matemática já não me permite nem mesmo entender os símbolos que ela maneja. Claro que minha maneira de pensar era diferente da maneira de pensar de hoje. No meu tempo ainda se cantava a tabuada... Mas o que me impressionava era a recusa de, pelo menos, considerar a possibilidade de que um mesmo problema pudesse ser resolvido por caminhos diferentes. Ela havia aprendido que há uma maneira certa de fazer as coisas, e que caminhos diferentes só podem estar errados. A conversa era sempre encerrada com a afirmação: "Não é assim que a professora ensina..."

É como nos catecismos religiosos: o mestre diz qual é a pergunta e qual é a resposta certa. O aluno é aprovado quando repete a resposta que o professor ensinou.

*A letra mudou, mas a música continua a mesma.
Pois não é isso que são os vestibulares? Ao final existe o gabarito: o conjunto das respostas certas. Claro que há respostas certas e erradas. O equívoco está em ensinar ao aluno que é disso que a ciência, o saber, a vida são feitos. E, com isso, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas. Espero que haja um dia em que os alunos sejam avaliados também pela ousadia de seus vãos! Teses serão aprovadas a despeito do seu final insólito. "Assim, ao fim de todas as pesquisas, concluímos que todas as nossas hipóteses estavam erradas!" Pois isto também é conhecimento.*

Escondidos em meio à vegetação da floresta, observávamos a anta que bebia à beira da lagoa. Suas costas estavam feridas, fundos cortes onde o sangue ainda se via. O guia explicou. "A anta é um animal apetitoso, presa fácil das onças. E sem defesas. Contra a onça ela só dispõe de uma arma: estabelece uma trilha pela floresta, e dela não se afasta. Este caminho passa por baixo de um galho de árvore, rente às suas costas. Quando a onça ataca e crava dentes e garras no seu lombo, ela ~~sa~~ sai em desabalada corrida por sua trilha. Seu corpo passa por baixo do galho. Mas não a onça, que recebe uma pautada. E assim, a anta tem uma chance de fugir."

Acho que a educação freqüentemente cria antas: pessoas que não se atrevem a sair das trilhas aprendidas, por medo da onça. De suas trilhas sabem tudo, os mínimos detalhes, especialistas. Mas o resto da floresta permanece desconhecido. Pela vida afora vão brincando de "Boca-de-forno..."

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho aborda questões relativas ao sucesso ou fracasso no âmbito escolar com base na escolha da escola ideal. Buscando uma melhor compreensão da atual idéia de infância que temos, foi realizada um breve histórico sobre a evolução da afetividade no contexto familiar. Em seguida, apresenta-se a importância da escola na formação da criança, em uma época em que nossas escolas assumem o papel de complemento familiar. Com o objetivo de mostrar a importância da criança ser o centro de todo projeto pedagógico, foram abordadas as probabilidades de se alcançar o sucesso ou o fracasso escolar como consequência de uma escolha pautada nas expectativas dos pais ou com as necessidades das crianças.



SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	06
AGRADECIMENTO	07
EPIGRAFE	08
RESUMO	11
SUMÁRIO	12
INTRODUÇÃO	13
1- UM BREVE HISTÓRICO	15
2- EM BUSCA DA ESCOLA IDEAL	18
3- AS EXPECTATIVAS DOS PAIS E AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS	23
4- A CRIANÇA COMO CENTRO DE UM PROJETO PEDAGÓGICO	27
CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A escolha do meu tema foi baseada em minha experiência como professora do 1º segmento do Ensino Fundamental.

No cotidiano escolar, pude perceber que o ingresso das crianças nas escolas não é apenas uma opção, e sim uma necessidade, já que atualmente a maioria dos pais precisam sair de casa para trabalhar.

No primeiro momento pretendo mostrar a evolução do sentimento de infância nas família, através de um breve histórico que evidencia o estabelecimento da intimidade e da afetividade no contexto familiar.

Em seguida discutirei a importância da escola na formação da criança. Esse segundo momento pretende mostrar que a escola tem assumido mais responsabilidades, tem sido complemento da família na formação da personalidade de seus alunos e em aspectos éticos e morais.

Diversos aspectos serão mencionados como fundamentais durante a escolha da escola ideal. Pois, infelizmente, na hora de escolher a escola, muitos pais não tem consciência da importância de tal escolha. Alguns acabam optando por uma escola que não possui uma proposta pedagógica coerente com “suas” expectativas e objetivos.

Com base na importância de se escolher uma escola com consciência e responsabilidade, será abordado no próximo momento o conflito existente entre as expectativas dos pais e as necessidades das crianças.

No Ensino Fundamental, principalmente, é muito comum encontrarmos casos em que os pais colocam os filhos na escola que gostariam de ter estudado, na “mais puxada” ou na que fica mais próxima de casa. Ou seja a escolha é feita mediante as suas próprias expectativas. Desta forma, não analisam o principal: se a escola é capaz de atender as necessidades da criança.

✓

Geralmente, quando a opção não possui parâmetros voltados para a satisfação da criança, podem ocorrer sérios problemas com o aluno. É o caso de crianças que se vêem forçadas a se adaptar às regras e metodologia da escola, caso contrário, sentem-se excluídas do grupo. Tal experiência pode ser muito traumática para o aluno e acarretar um fracasso escolar.

Ao contrário do risco do fracasso, quando a escolha da escola é feita na intenção de atender às necessidades das crianças, as chances de sucesso são muito maiores. Pois a partir do momento que o aluno tem prazer de estar no ambiente escolar seu rendimento tende a ser muito maior.

Por fim pretendo discutir a necessidade de que as instituições família e escola estejam aliadas, para que juntas possam intervir com segurança e consciência no processo de formação dos indivíduos. Buscando desta maneira ter a criança como centro de um projeto pedagógico. Projeto este que deve ter como base o respeito pela criança e a intenção de educar para a autonomia.



1- UM BREVE HISTÓRICO

A criança não é apenas o traje, as brincadeiras, a escola, nem mesmo o sentimento da infância (ou seja, modalidades históricas, empiricamente perceptíveis); ela é uma pessoa, um processo, uma história...

A. Besançon

A idéia que temos de infância, enquanto faixa etária, é bastante recente na história da humanidade. Tal idéia, foi constituída ao mesmo tempo que o sentimento de família e a educação escolar foram se desenvolvendo.

Na Idade Média, os filhos eram protegidos e cuidados por seus pais apenas no núcleo familiar, mas o fato da família existir não significava que houvesse entre seus membros um sentimento que os unissem emocionalmente.

Segundo a análise de Costa (1999, p.153), nessa época:

... o filho ocupava uma posição puramente instrumental dentro da família. Não que fosse tratado como “utensílio” ou “coisa” (...). Sua posição era instrumental no sentido de secundário. De não ser motivo operante, o móvel principal da atividade familiar.

Somente por volta do século XVII foi que surgiu no meio familiar o primeiro sentimento de infância, no qual a criança era fonte de distração e relaxamento para os adultos. Tal sentimento ficou conhecido como paparicação.

Conforme pontua Ariès (1981, p.158), **de agora em diante, porém, as pessoas não hesitariam mais em admitir o prazer provocado pelas maneiras das crianças pequenas, o prazer que sentiam em “paparicá-las”.**

O segundo sentimento de infância foi proveniente dos moralistas da época, que estavam preocupados com a disciplina e a manutenção dos costumes vigentes. Para esses moralistas, era absurda a idéia da criança como fonte de

✓

distração. Era preciso discipliná-las. Sendo assim, os pais enviavam seus filhos para outras famílias, com as quais deveriam aprender boas maneiras e letras latinas junto aos adultos.

Na sociedade tradicional, a duração da infância era limitada ao período em que a criança necessitava de cuidados vinculados à sua sobrevivência. Ao se constatar **que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes** (Ariès, 1981, p.156). A criança era vista como um adulto em miniatura.

A aprendizagem dos conhecimentos e dos valores ocorriam através da convivência com os mais velhos. Desta forma, a criança logo estava socializada num meio em que não havia lugar para a privacidade e para a intimidade. A consciência da particularidade da criança, simplesmente, não existia.

A partir do século XVIII, com a consolidação da família moderna, que se estabeleceu na burguesia, foi inserida a intimidade e a afetividade no contexto familiar. Com isso, os pais passaram a dar mais atenção à higiene e à saúde dos filhos. Assumiram, também, a responsabilidade pela formação moral e espiritual dos mesmos.

De acordo com Ariès (1981, p.164), nesse momento:

... tudo que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família.

Tal progresso, em relação ao sentimento de infância, fez com que a criança assumisse uma posição de extrema importância na vida cotidiana. Devido a preocupação dos pais com o futuro de seus filhos, as crianças passaram a ser enviadas para as escolas, onde teriam a possibilidade receber uma sólida formação. Este fato acarretou num desenvolvimento significativo das escolas.



Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. (Maisons-Laffitte, apud, ARIÈS, 1981,p.11)

Segundo a análise de Miranda (apud, Lane e Codo, 1989, p.127), partindo dessa nova condição social,

... a criança, que na sociedade medieval convivia com os adultos em todos os momentos, é afastada deste convívio. Com isto, perdeu a possibilidade de opinar sobre decisões que lhe diziam respeito, foi excluída do processo de produção, as festas e jogos foram diferenciados, restando à criança a condição de mera consumidora de bens e idéias produzidas exclusivamente pelos adultos.

Desta forma, a criança passou a não ter mais alternativas e a submeter-se aos padrões pré determinados pelas gerações adultas. O seu mundo passou a ser restrito ao que era apresentado pelos adultos. Assim, as escolhas relacionadas a criança passaram a ser de direito exclusivo dos adultos.

Por meio de uma análise histórica da imagem da criança, podemos concluir **que as visões sobre a infância são social e historicamente construídas: a inserção concreta das crianças e os papéis que desempenham variam com as formas de organização social.** (Kramer, 2000, p.36)



2- EM BUSCA DA ESCOLA IDEAL

*Se a escola foi inventada, é porque a vida
não é suficiente para educar.*

Martinand

O homem é um ser dotado de uma incrível capacidade de aprendizagem. Através dela, pode adquirir conhecimentos a partir do convívio com outros indivíduos.

A aquisição dos conhecimentos pode ocorrer tanto dentro quanto fora da escola, de maneira intencional ou não- intencional.

Geralmente, a educação intencional é ministrada nas escolas, onde há uma gama de objetivos, atividades, métodos e recursos para se atingir determinado fim. Tal educação também pode ocorrer em casa, na igreja ou em qualquer outra instituição que tenha como objetivo educar.

Já fora da escola há um predomínio da educação não- intencional, na qual o indivíduo aprende mediante as suas experiências cotidianas. A televisão, o teatro, entre outros meios de comunicação, são exemplos de veículos que ministram a educação não- intencional.

A educação constitui um processo contínuo, que nos acompanha por toda nossa vida, podendo variar de acordo com o tempo e o espaço. Se observarmos o decorrer da história, verificaremos que os ideais educativos mudam de acordo com as necessidades sociais de cada época.

A escola quase sempre foi vista como uma agência especializada na educação das novas gerações. Desta forma, seu principal objetivo era transmitir aos alunos, através de atividades devidamente programadas, o patrimônio cultural da humanidade.

No século XIX, por exemplo, com a Revolução Industrial e com a consolidação da burguesia no poder, as escolas foram obrigadas a reorganizarem suas estruturas a fim de atender as novas necessidades das classes sociais emergentes.

Segundo Saviani (1995), era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos.

Para manter sua existência, a escola projetou-se nesse novo contexto social, proporcionando às classes emergentes o acesso ao conhecimento e a especialização técnica necessária para suprir a falta de mão de obra qualificada para o trabalho na indústria.

Neste momento, a escola tem como objetivo, como afirma Saviani (1995, p.18):

... difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. (...) A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos.

No cenário atual, a escola não se restringe apenas a tarefa de ensinar a ler, escrever e contar. Seu papel agora é muito mais complexo. Além de atuar como uma agência educacional, espera-se que a escola ofereça elementos capazes de possibilitar a emancipação do sujeito, que ela promova a liberdade e o desenvolvimento pleno do educando. Sendo assim, podemos perceber que a função social da escola vem se reestruturando ao longo do tempo e que hoje suas responsabilidades são infinitamente maiores do que antigamente.

Normalmente, ao ingressar na escola, a criança chega cheia de entusiasmo e vontade de aprender. Mas, ao descobrir que a escola tem pouca relação com sua vivência diária, esse entusiasmo desaparece.

Para Snyders (1993, p.120), **a distância entre o escolar e o vivido fora da escola é tão grande que a escola se descobre, por esta razão, desbotada e fantasiosa.**

Por volta da década de 70, com a intensificação da presença das mulheres no mercado de trabalho, novas necessidades surgiram. As crianças então, começaram a ingressar nas escolas cada vez mais cedo. Passaram a ficar cada dia mais confinadas às suas casas e, ao mesmo tempo, distantes de seus pais.

Desta forma, os pais sentiram a necessidade buscar escolas estruturadas e capacitadas pedagogicamente para atender às necessidades advindas desse novo contexto social. Pode até parecer fácil, mas a busca pela escola ideal é uma tarefa de "super- herói".

Atualmente, os estabelecimentos de ensino tem sido procurados na intenção de que este possa oferecer uma formação intelectual, moral e física. Além de promover a socialização dos indivíduos e, em alguns casos, complementar o papel da família na formação das crianças.

Diante de tal situação, os pais encontram-se perdidos em meio a uma infinidade de métodos e propostas pedagógicas, preços de mensalidades, atividades extras, entre outros aspectos.

Segundo Weiss (1997, p.17):

... é necessário que a família procure conhecer, o melhor possível, a escola que vai escolher para seus filhos, que tipo de homem pretende formar, sua metodologia de ensino, formas de avaliação, normas disciplinares atualização de professores, etc. Buscar, como já dissemos anteriormente, uma coerência entre as expectativas da família e o que a escola pode realmente oferecer.

Tomando como base o pensamento de Freire (1996, p.101), no momento da escolha os pais não devem:



... pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vêm sendo expostos ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas mas, ao mesmo tempo, a maneira mais aberta, dialógica. Ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor ensina.

É preciso que os pais estejam atentos, pois muitas vezes confundem quantidade com qualidade. Portanto, deve-se levar em conta diversos aspectos. Para Weiss (1997, p.17):

Quando a família tem a possibilidade, social e econômica, de escolher a escola ideal para seus filhos, é importante que reflita sobre alguns aspectos:

1º A escola escolhida tem a mesma ideologia, filosofia de educação que a família? Por exemplo: em casa, os pais são adeptos da liberdade excessiva, do "laissez-faire" na educação dos filhos e os colocam em escola rígida, formal, para "discipliná-los", ou mesmo, situação oposta: escola liberal versus família rígida. Tal fato é sempre gerador de grandes conflitos para a criança, podendo atingir a sua produção escolar.

2º Família sem prática religiosa matricular as crianças em escolas confessionais de qualquer religião, que cobrarão delas certas práticas e atitudes coerentes.

3º A metodologia da escola exige a participação dos pais nos trabalhos de casa, "pesquisas" diversas, saídas com os filhos, comparecimento a reuniões e festinhas curriculares, etc., enquanto os pais se recusam a fazê-lo, ou trabalham fora e chegam tarde, não podendo realmente cumprir certas solicitações.

4º O tamanho e organização da escola em relação à personalidade da criança. Há crianças que se intimidam, ficam "perdidas", sem assistência em escolas muito grandes, com turmas imensas, salas superlotadas. Elas sentir-se-ão melhor em escolas pequenas, mais acolhedoras, menos "ameaçadoras". Por outro lado, há crianças que gostam de grandes grupos, muito espaço, atividades diversificadas.

Vale ressaltar que não basta que a escola acompanhe os avanços tecnológicos, a qualidade está na maneira com que os recursos são utilizados. Na realidade não existe um fator específico capaz de determinar a escola como a melhor ou a pior.

É indispensável que tenhamos consciência das necessidades individuais de cada educando, para que assim seja possível optar pela escola que atenderá melhor às necessidades da criança. Pois, muitas vezes, a escolha errada da escola dificulta o êxito no processo educativo, e por conseqüência acarreta o fracasso escolar.



3- AS EXPECTATIVAS DOS PAIS E AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS

Para que uma criança aprenda é necessário que ela tenha o desejo de aprender. E que sobretudo o desejo dos pais a autorizem.

Elizabeth Polity

Não podemos esquecer que educar moralmente as crianças para o convívio social é dever da família. Porém, muitas vezes, por diversos motivos, delega-se à escola a educação básica de nossas crianças.

Segundo Pinto (2000, p.02):

... todos temos a obrigação de educar, cada segmento social tem o seu papel, a escola, o governo, a família, mas é em casa e com aqueles que nos são mais próximos, que desperta nossa aprendizagem, nosso desenvolvimento físico e mental. É em casa, e através daqueles que nos educam e que inicialmente nos servirão de modelo, que irão se formar nossos princípios morais e éticos.

Grande parte das famílias, desde bem cedo, introduzem suas expectativas em relação ao que esperam dos filhos. Mesmo sem perceber, os pais normalmente ditam como os filhos devem se comportar ou profetizam o futuro profissional das crianças, impondo de certa forma tarefas que nem sempre estão de acordo com os desejos e aptidões das crianças.

Nem sempre os filhos conseguem corresponder às expectativas dos pais, e diante da decepção ou da desaprovação destes muitas crianças são afetadas, o que pode fazer com que desenvolvam uma baixa auto-estima.

Eis aí uma das grandes mazelas do processo educativo: a contradição existente entre as expectativas do pais e as necessidades das crianças.

✓

É muito comum, principalmente no Ensino Fundamental, encontramos pais que escolhem a escola dos filhos baseados apenas em suas próprias expectativas.

Os aspectos levados em consideração, como vimos anteriormente, são diversos. Mas, infelizmente, a última pergunta a ser feita (quando é feita) é qual escola é capaz de atender melhor às necessidades individuais da criança.

Parece acertado afirmar que, ao ingressar na escola, a criança está realizando um desejo que não é dela. Tal desejo é despertado pelos seus responsáveis, que garantem ser a escola um local prazeroso onde esta fará novos amigos e aprenderá coisas interessantes.

Ao acreditar que podemos saber, sempre, o que é melhor para nossas crianças, esquecemos de dar a devida atenção às reais necessidades das mesmas.

De nada adiantará a escola ser espetacular do ponto de vista dos pais. Se a escolha não for coerente com as características individuais do educando, o interesse pelo aprender será sempre para satisfazer o desejo da família e da escola.

As propostas escolares devem estar de acordo com a capacidade afetiva e cognitiva da criança, para que esta tenha o prazer e o desejo de aprender, reconhecendo que através do conhecimento poderá conquistar sua autonomia.

Precisamos ouvir nossas crianças...

Uma das queixas mais freqüentes é em relação à falta de atividades físicas (Anexos 01, 02, 03, 04 e 05). Muitas escolas valorizam tanto o “depósito” de conteúdos, que terminam ignorando a necessidade que as crianças tem de realizarem atividades físicas. Criança precisa ter espaço e tempo para correr, pular, sorrir...enfim, ser criança.



Talvez, se estivéssemos apenas conversando entre amigos alguém poderia rir, com um tom de desconfiança, mas até mesmo de balas e hambúrgueres as crianças reclamam (Anexos 01 e 02). As cantinas dos colégios, em vista do lucro, colocam à venda alimentos que não são saudáveis, como única opção. Conclusão, a criança que não traz seu lanche de casa, compra um lanche que não é nutritivo e ao voltar do recreio fica sentindo-se mal, o que atrapalha seu rendimento para o resto do dia.

Diante de uma situação como esta, na qual um aluno começa a passar mal, o professor necessita de um auxílio para dar a devida atenção a esta criança. Mas o que fazer quando a escola não possui funcionários que tenham um preparo para lidar com os alunos? Essa, também, é uma das observações feitas por uma criança (Anexo 02). Existem funcionários que tratam as crianças muito mal, não as respeitam como seres humanos, são “apenas crianças”.

Crianças têm sempre algo a dizer, um carinho a oferecer ou sorriso a dar, e para elas, a reciprocidade é fundamental. Talvez, este seja um dos principais aspectos a serem observados pelos pais, o respeito e a afetividade existente entre a equipe que compõe o colégio e os alunos.

Tomando por base nossa análise, que procura mostrar a importância da família estar atenta para que a criança esteja em primeiro lugar durante o processo de escolha da escola ideal, podemos afirmar que, antes de qualquer coisa, o ambiente escolar deve ser capaz de respeitar as características próprias de cada aluno.

Recentemente, foi publicado na Folha de São Paulo um artigo que mostra que a escola tem sua responsabilidade no desempenho do aluno, mas a ação da família que é decisiva. Tal parecer é resultado do Sistema de Avaliação do Ensino Básico – o Saeb.

Os estudos revelaram que nem todos os fatores relacionados ao desempenho dos alunos, são de responsabilidade do professor ou do sistema escolar.



Segundo o professor José Francisco Soares, da Universidade Federal de Minas Gerais, no nosso país, a escola é responsável por algo entre 15% e 25% do resultado que a criança tem. O resto é a família.

E ainda acrescenta que, não é necessariamente o grau de instrução dos pais, mas o interesse deles pelo estudo dos filhos que aponta a diferença. Coisas como cobrar a lição de casa e perguntar sobre o que está aprendendo.

Enfim, podemos confirmar que, as expectativas do grupo familiar exercem uma influência direta nas relações do educando com a aprendizagem. Portanto, o ideal é que as expectativas da família estejam vinculadas com o perfil da criança, criando desta maneira situações favoráveis ao crescimento e ao amadurecimento emocional e intelectual desta.

As crianças em idade escolar, percebem que precisam ter sucesso nos estudos. Os pais, os colegas e professores cobram bons resultados, cada um à sua maneira. Se esta criança não alcança ao sucesso esperado ela, normalmente, desenvolve uma baixa auto-estima, o que impede que ela cresça de forma satisfatória.

Para que a criança tenha equilíbrio, a educação deve ocorrer num ambiente de alegria e confiança, onde esta tenha prazer em aprender satisfazendo as necessidades próprias de sua idade.

Enfim, podemos concluir que os alunos que não conseguem acompanhar o currículo estabelecido pelas escolas, porque fracassam, são rotulados como alunos fracos. Estas são crianças que precisam de um atendimento adequado, ou simplesmente, de uma escola com o projeto pedagógico onde o centro seja ela mesma.



4- A CRIANÇA COMO CENTRO DE UM PROJETO PEDAGÓGICO

A escola nunca deve esquecer que lida com indivíduos ainda imaturos, aos quais não pode ser negado o direito de se demorar em certos estágios, mesmo que desagradáveis, do desenvolvimento. Ela não deve pretender ser mais que um jogo de vida.

Sigmund Freud

Ao longo do tempo, a escola tem funcionado como um aparelho reprodutor do Estado. Para tal reprodução todos os elementos da escola são utilizados: os professores, que são mal preparados e transmitem o que receberam, muitas vezes sem nada acrescentar, os prédios das escolas que são construídos, intencionalmente, para garantir a ordem e a disciplina, as turmas que são "organizadas" de uma forma que torna-se quase impossível o intercâmbio criativo, e acima de tudo, facilitam a dominação.

De acordo com suas características, as escolas podem ser divididas em dois grupos. Um deles é destinados às classes econômicas mais elevadas, que possuem condições de oferecer recursos aos alunos facilitando desta forma o ensino e aprendizagem, salas-ambientes, laboratórios, bibliotecas, professores bem remunerados (com condições de investirem numa especialização ou reciclagem), recursos audiovisuais, quadra poliesportivas, ginásio de esportes, etc.

O outro grupo, que por sinal inclui a maioria das escolas, têm recursos extremamente reduzidos: prédios em ruínas, inexistência de laboratórios ou bibliotecas (quando existem são em péssimas condições), falta de recursos audiovisuais, ginásio de esportes e auditórios, professores mal-remunerados sendo obrigados a trabalhar em três turnos ou em várias escolas e, portanto, sem condições de atenderem convenientemente aos alunos.



Há também escolas situadas nas zonas intermediárias que atendem a uma clientela diversificada. Nestes casos, as condições familiares e o tratamento dispensado na escola contribuem para reforçar as diferenças: os alunos de nível econômico mais elevado, pelo fato de trazerem melhores condições familiares, parecem ser mais estimulados pela escola a prosseguir, outros inclusive por um processo de comparação com os primeiros, são desestimulados e, por conseqüência, desenvolvem um autoconceito baixo. Tal fato, juntamente com a falta de condições econômicas, pode os levar ao fracasso.

Além das questões relativas às condições econômicas, a escola reproduz em seu interior as relações sociais externas. Ou seja, na medida em que ocorre uma competição desenfreada fora da escola, na qual os mais "fortes" tendem a dominar os mais "fracos", tal processo torna-se também dominante na escola: estimula-se os alunos que têm mais probabilidade de sucesso e despreza-se os demais.

A competição vem caminhando junto com o autoritarismo, que acarreta a divisão de duas classes: os que mandam (professores, coordenadores, diretores...) e os que são mandados (alunos). Desta forma, o aluno não é tratado como sujeito de sua própria educação mas como objeto manipulado por aqueles que detém o "poder".

Nesse contexto, o aluno assume uma postura passiva, recebe os conhecimentos passados pela escola, sem questioná-los. O mais grave é que tais conhecimentos são devidamente selecionados em função dos interesses dos opressores que tem como objetivo conservar a atual situação.

Atualmente, percebemos que uma parcela considerável das escolas funcionam como um aparelho reprodutor do Estado. Nestas escolas predomina a educação bancária, nas quais segundo Freire (1987, p.59):

- a) educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;

- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

A educação como prática de dominação mantém a contradição entre educando e educador, assim como reforça as desigualdades sociais.

A superação desta contradição ocorre com base no diálogo com o aluno, que ao ser educado também tem a possibilidade de educar. **Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem.** (Freire, 1987, p.68)

A educação libertadora está pautada no amor, fundamento do diálogo. Sendo o amor um ato de coragem e um compromisso com os homens ele poderá ser um fundamento na geração da liberdade.

Num ambiente de respeito e confiança, onde o aluno pode se expressar sem medos e inseguranças, a educação ocorre naturalmente, e as chances de sucesso são bem maiores. A criança precisa ter liberdade para que cresça de forma natural e satisfatória.

Desta forma, é possível afirmar que muitos aspectos podem ser levados em consideração no momento da escolha da escola, porém é fundamental que se tenha bem claro que tipo de escola será capaz de atender às necessidades individuais das crianças, ou seja, esta deve ser o centro da escolha.

Ao chegar o fim do ano, podemos observar em diversos jornais e revistas artigos escritos com base nas análises de especialistas que dizem esclarecer as dúvidas dos pais no processo de escolha da escola dos filhos.

Em primeiro lugar, é necessário que tenhamos muito cuidado com a propaganda. Uma infinidade de escolas anunciam uma "educação de qualidade", oferecem equipamentos de última geração, mas na prática adotam um método pedagógico completamente ultrapassado, tendo com centro apenas o conteúdo.

Em dezembro de 2000, foi publicado um artigo no jornal Extra (Caderno Educação Extra), um jornal de grande circulação, que apontava o que deveria ser levado em conta no momento da escolha: plano pedagógico, segurança, localização, qualidade dos profissionais, espaço físico, avaliação dos alunos, diversificação das atividades, horário e transportes. Entre os aspectos mencionados não era feita nenhuma menção às necessidades da criança.

Vale ressaltar que o melhor indicador da boa escolha é o próprio aluno. A partir do desejo deste de estar em determinado ambiente escolar que torna-se necessária a investigação de elementos relevantes para a escolha mais acertada.

Será que basta analisar a filosofia da escola? A prática em sala-de-aula não pode ser outra? Várias questões podem comprometer a escolha da "escola ideal". Sem contar os problemas que essa má escolha pode gerar. Daí, a necessidade dos responsáveis estarem atentos para que mais tarde seus filhos não sejam penalizados por conflitos filosóficos, ideológicos, religiosos e metodológicos.

É muito comum encontrarmos conflitos entre pais e professores quando a escolha da escola está pautada na vontade dos pais, e não na tentativa de se atender as necessidades das crianças.

Em uma reportagem sobre esse assunto, publicada em outubro/99 na revista Época, a professora Alda Carlini aponta a má escolha da escola como um erro freqüente dos pais. E acrescenta, que muitos procuram matricular seus filhos na escola em que gostariam de ter estudado, ao invés de observarem o que as crianças realmente necessitam.

Segundo Ferreira (1999, p. 87):

Já se foi o tempo em que bastava saber se a escola tinha bons professores, disciplina e infra-estrutura. Hoje, os pais tem de se preocupar com uma infinidades de métodos e propostas pedagógicas, novas tecnologias de informação, atividades opcionais, preços de mensalidades, segurança, programas de combate às drogas, coisas que nem passavam pela cabeça das pessoas nos tempos em que estudavam no velho grupo escolar.

A dificuldade da escolha é muito mais comum do que imaginamos. Mas o fundamental é que os pais estejam atentos para a que criança seja o centro da escolha.

Enfim, a questão é : não existe a escola ou o curso perfeito. Somos seres constituídos na diferença e, portanto, temos diferentes necessidades. Cabe aos pais, no momento da escolha, estarem atentos às características específicas de cada criança, para que a partir daí possam optar com consciência e segurança pela escola que irá, juntamente com a família, oferecer suporte para que a criança prossiga em sua caminhada por essa estrada chamada VIDA.



CONCLUSÃO

A imagem de infância que temos foi construída historicamente, ao longo de diversas transformações ocorridas no contexto familiar e social. Porém, podemos observar que nossa postura diante das necessidades das crianças pouco mudou no que diz respeito às escolhas.

Atualmente, a escola e a família têm buscado meios de se adequar às mudanças sociais. Os pais, a cada dia, mais e mais, precisam sair de casa para trabalhar, sendo assim, a criança fica entregue aos cuidados da escola por boa parte do dia.

Desta forma, a necessidade de se escolher uma escola bem estruturada é bem maior, já que esta acumula às suas funções o papel de complemento da família na formação da criança.

Mas ao iniciar suas buscas pela escola ideal os pais encontram uma infinidade de opções e incertezas. Infelizmente, uma boa parcela destes não têm consciência da gravidade de uma má escolha, e acabam optando por escolas pautados apenas em suas próprias expectativas.

Ao analisarem a escola ideal diversos aspectos são observados, porém o principal costuma ficar de lado: as necessidades das crianças.

Em minha experiência profissional tive a possibilidade de presenciar muitos casos em que os pais colocaram os filhos na escola em que estudaram, naquela que prepara para concursos ou na "mais puxada". Ou seja, muito raramente dão a oportunidade da criança expor seus desejos.

Nestes casos, normalmente, o desempenho da criança fica comprometido, pois quando o aluno está numa escola que não é capaz de satisfazer seus desejos, ele não investe o suficiente na aprendizagem: não

querem freqüentar a escola, se recusam a realizar as tarefas, mostram-se desanimados diante das propostas do professor e de outros alunos.

Parece acertado afirmar que, de acordo com o atual contexto social, não basta ter um bom professor ou um ambiente familiar favorável aos estudos para se alcançar o sucesso escolar, é fundamental que a criança tenha desejo e segurança para se expressar sem medo.

Desta forma, podemos concluir que o ideal é que a família e a escola tenham um objetivo em comum: a formação de um sujeito consciente e atuante na sociedade, aliás, esta é a proposta escolar para o próximo milênio.

Mas para que isto seja possível, é necessário que antes de qualquer coisa esteja bem claro que o desenvolvimento da criança tem início na família e vai se fortalecendo a partir da relação com o outro na escola, e posteriormente na sociedade. E, é justamente nessa relação que o indivíduo conquista seu espaço na sociedade. Portanto, é indispensável que a criança seja a maior privilegiada no momento da escolha da escola ideal e o centro de todo projeto pedagógico, visto que sua vivência escolar irá influenciar diretamente em seu futuro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC. 2ª edição. 1981.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 4ª edição.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. Campinas, SP: Autores Associados. 30ª edição. 1995.

SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes: Reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2ª edição. 1993

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 27ª edição. 1987.

LANE, S e CODO, W (org). *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense. 1989.

KRAMER, Sônia (org). *Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil*. São Paulo: Ativa. 1994.

FERREIRA, Paula. *A escola dos sonhos* in Revista Época. Ano II, nº 73, outubro de 1999.

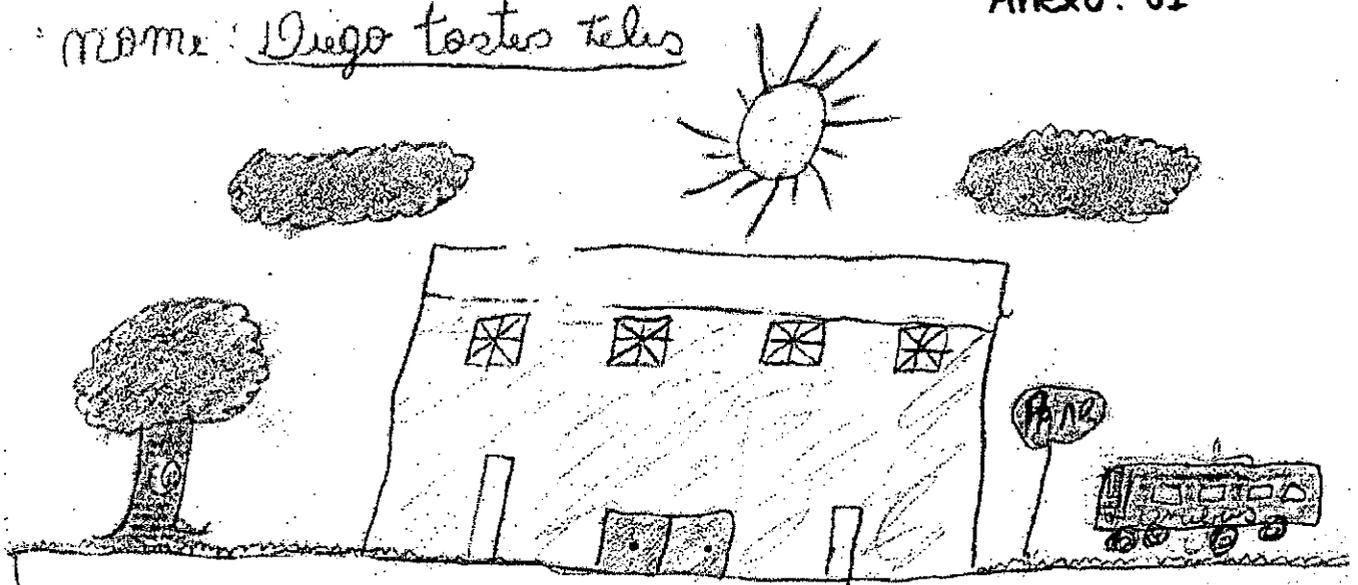
WEISS, Mª Lúcia Lemme. *Diagnóstico psicopedagógico: avaliação do aluno ou da escola?* in Revista Psicopedagogia. 16 (42). 1997.

PINTO, Mª Alice Leite. *Meu filho vai ser...* Disponível na Internet. <http://uol.com.br/images/univtool.map>

ANEXOS

nome: Diego Testes Telles

Anexo: 01



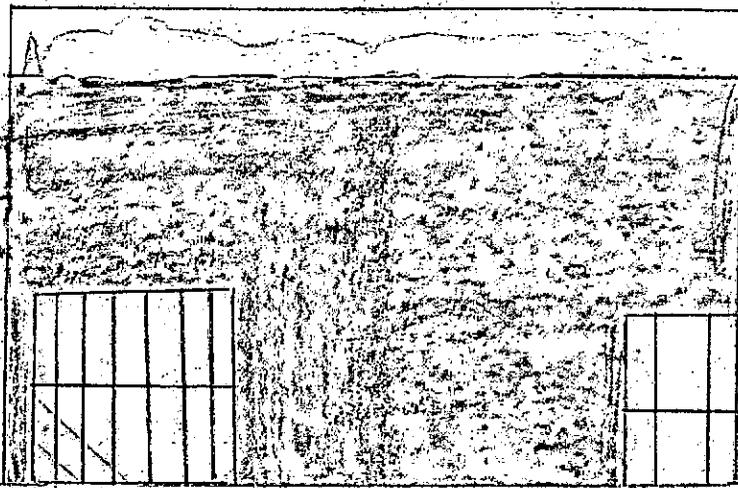
Numa escola ideal deveria ter profes-
sores com desempenhos para nos
educar, uma quadra de esporte para nós
praticarmos educação física e uma hora
de recreação. O ônibus escolar também é uma
obrigação das escolas ideais.

A minha escola não deixa de ser uma
escola ideal mas o que falta é uma
quadra de esportes e um ônibus escolar.

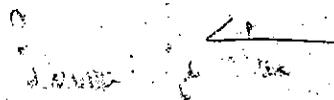
Na minha escola os coisas boas são os
professores os coordenadores e a direção.

É a única coisa ruim é a cantina.

Porque só tem coisa que faz mal a
alimentação como Hambúrguer e lala.



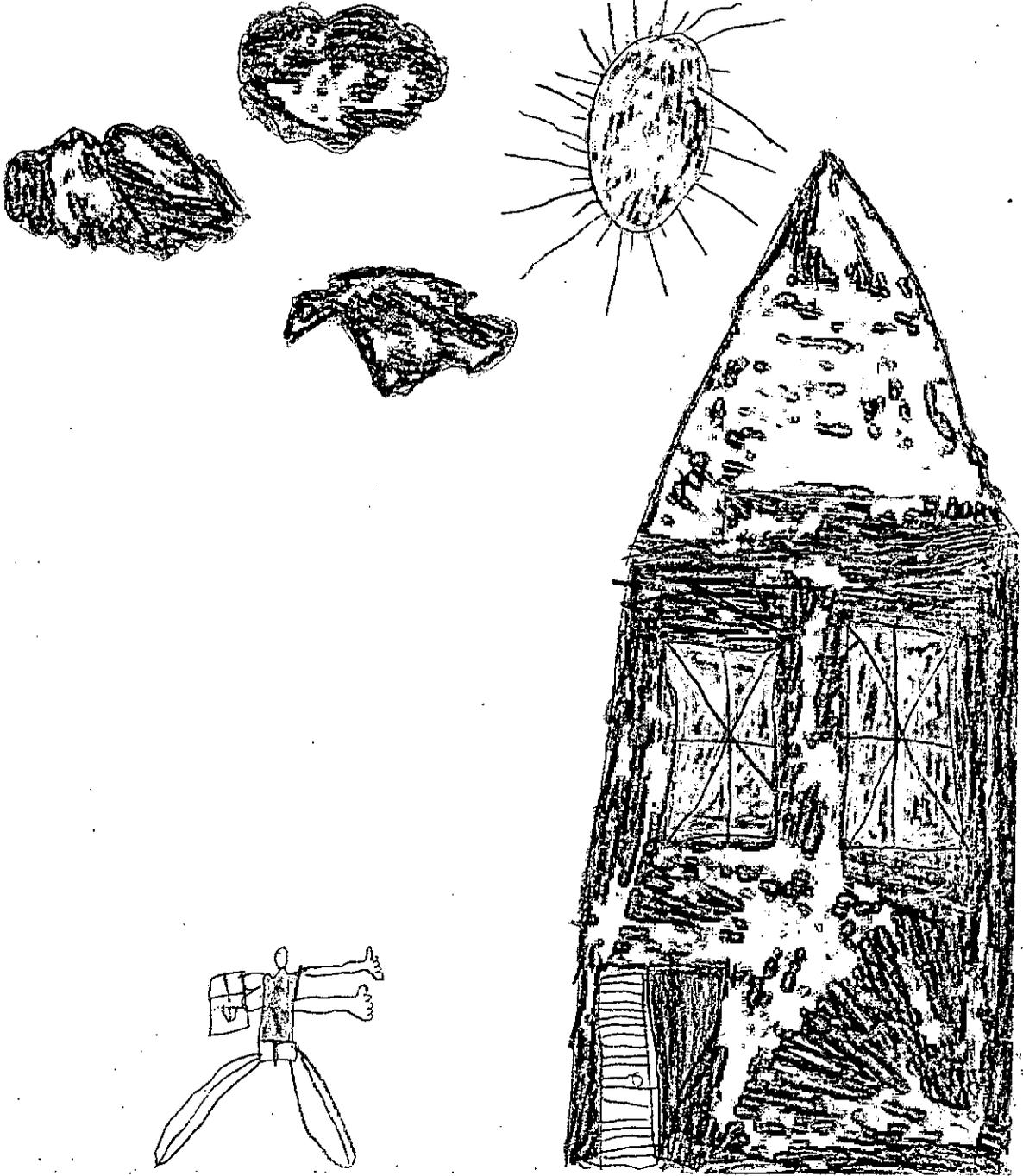
Uma escola ideal para mim seria com quadra de esportes e uma cantina que não vendesse alimentos que contém colesterol. O hambúrguer da cantina cheira mal e os doces estão caros na cantina. Eu gostaria que os doces da cantina fossem mais baratos e que a moça da cantina fosse mais educada. A professora tem um ensino ruim e eu não tenho o que reclamar sobre ela.



26/10/2007

escalas

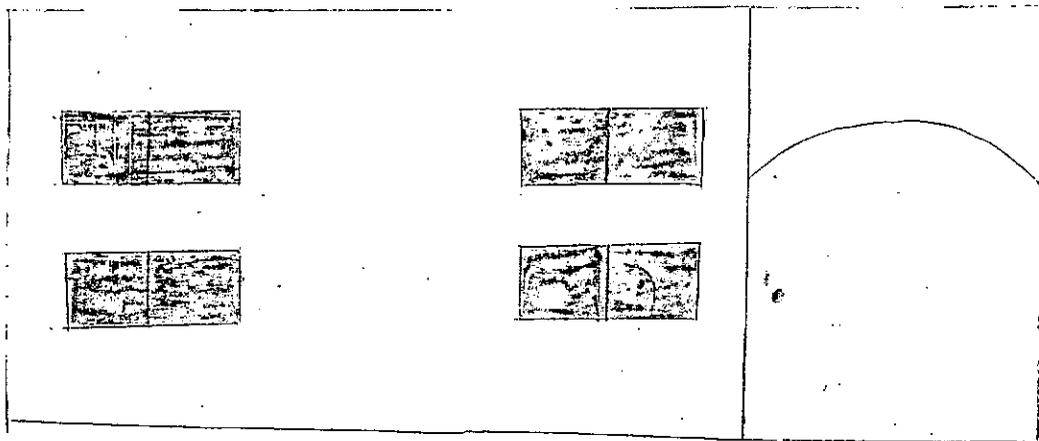
em relação que minha escala é boa, mas a utilização que falta em quase todas as escolas é se condicionarem nas salas, um lugar só com brinquedos, que não dá espaço só de brincadeiras, essa não é exatamente uma escola ideal para mim.



~



A minha escola



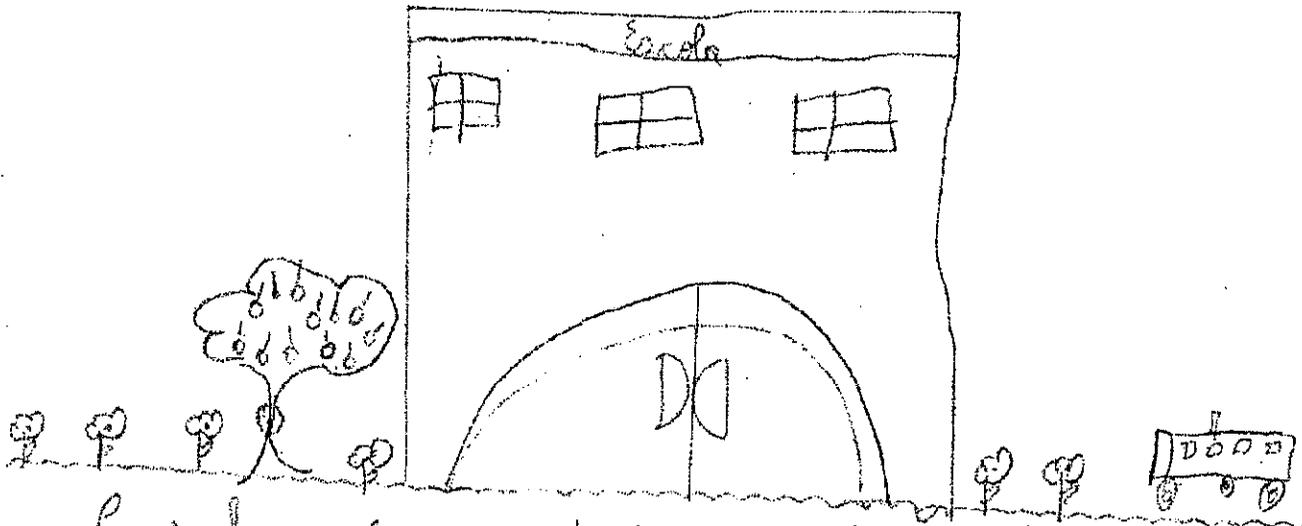
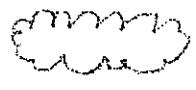
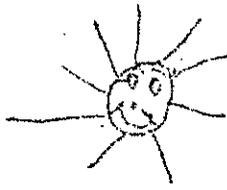
Eu gosto da minha escola, por causa dos professores e de todos que trabalham lá. Gosto dos professores, por que são legais, compreensivos, quando a gente precisa de alguém, eles estão ali, do nosso lado nos aconselhando. O que eu não gosto na minha escola, é que quando fazem algo de errado, é advertência, falou, é conduta. Todos sofrem muito com isso. Eu queria que na minha escola tivesse:

Sala de informática, sala de experiências, biblioteca, quadras e esportes, para nós praticarmos



Rio, 24 de outubro de 2008
Aluna: Izabella Lima Lima
Prof: Roberta Santam

2008



A minha escola é muito boa mas tem que ter um parque
e um ônibus para a gente não faltar as aulas.

L